

O ENFRENTAMENTO DO RACISMO SOB AS LENTES DE EDUCADORES NEGROS: desafios, experiências e práticas pedagógicas

MENEGOTTO, Larissa Gabriela

FREITAS, Silmara Terezinha
silmara.freitas@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte de pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia, de abordagem qualitativa e perspectiva crítica, que discute o racismo no ambiente escolar. O objetivo geral é analisar o enfrentamento do racismo pelos profissionais da educação, com foco no papel dos professores na promoção da equidade racial e na construção de espaços educativos mais inclusivos. A metodologia adotada combinou revisão bibliográfica e documental com entrevistas semiestruturadas realizadas com professores negros atuantes em diferentes contextos educacionais. Os objetivos específicos foram: a) investigar as manifestações e impactos do racismo no cotidiano escolar; b) compreender os desafios enfrentados por professores negros; e c) identificar práticas pedagógicas antirracistas desenvolvidas no contexto da sala de aula. Os resultados indicaram que o racismo permanece presente no ambiente escolar, afetando tanto a trajetória dos estudantes quanto a prática docente, especialmente no caso de professores negros, que relatam experiências de preconceito e exclusão. Evidenciou-se, ainda, que a adoção de práticas pedagógicas antirracistas fortalece a valorização da diversidade, contribui para o cumprimento da Lei 10.639/03 e potencializa a formação de estudantes críticos e conscientes. A pesquisa também destacou a relevância da escola como espaço de transformação social, capaz de fomentar respeito, empatia e justiça. Conclui-se que o enfrentamento do racismo exige esforços coletivos que envolvam educadores, estudantes e políticas públicas, reforçando a necessidade de uma educação antirracista como condição para a construção de uma sociedade mais equitativa.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Educação antirracista. Equidade. Professores negros. Inclusão escolar.

INTRODUÇÃO

O racismo é uma forma de discriminação social, baseado nas crenças de que certos grupos étnicos são superiores ou inferiores aos outros. Na maioria das vezes o racismo é manifestado por atitudes ou comportamentos que prejudicam indivíduos ou grupos de pessoas simplesmente pela cor da sua pele. A ideologia do racismo é enraizada profundamente na sociedade e tem impactos devastadores em diversos aspectos na vida das pessoas negras. Além de perpetuar a desigualdade, também se cria um ambiente de injustiças e exclusão. Combater o racismo requer um esforço em conjunto, para que possamos promover a

igualdade, o respeito e a justiça social. Explorar a importância da conscientização sobre o quanto impactante pode ser sobre a vida de quem sofre do mesmo. Essas ações de discriminação na maioria das vezes trazem impactos muito significativos em todas as esferas sociais, habitação, emprego, saúde, justiça, inclusive na educação (Conceição, 2020).

No cenário contemporâneo da educação, o enfrentamento ao racismo nas escolas emerge como uma demanda urgente e inadiável. O racismo, arraigado nas estruturas sociais e históricas, como mencionado permeia todas as esferas da vida, inclusive o ambiente escolar, onde deveria reinar a igualdade e o respeito. Nesse contexto, os profissionais da educação desempenham um papel fundamental na desconstrução dessas estruturas discriminatórias e na promoção de uma cultura escolar inclusiva e anti-racista.

Neste sentido, a Educação, segundo Saviani (2013) é um processo complexo que envolve não apenas a transmissão de conhecimentos, mas também a formação de indivíduos conscientes e críticos. Nesse sentido, a escola desempenha um papel crucial na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. No entanto, para que essa missão seja efetivamente cumprida, é essencial reconhecer e enfrentar as estruturas de poder e privilégio que perpetuam o racismo no ambiente educacional. Somente através de uma abordagem anti-racista e inclusiva, guiada pelo compromisso com a equidade racial, podemos transformar a escola em um espaço verdadeiramente democrático e emancipatório.

Partindo destes pressupostos, o objetivo geral da presente investigação consistiu em analisar e refletir o enfrentamento ao racismo nas escolas pelos profissionais da educação, destacando o papel dos professores na promoção da equidade racial e na construção de um ambiente escolar mais justo e inclusivo. Em contexto específico elencamos três objetivos, a saber: a) investigar as manifestações e impactos do racismo no ambiente escolar; b) explorar os desafios enfrentados pelos professores negros no contexto educacional; c) identificar estratégias e práticas pedagógicas anti-racistas adotadas por profissionais da educação.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para investigar a problemática em questão, racismo, se concentra na interseção entre pesquisa bibliográfica e documental, de natureza qualitativa,

com um viés crítico, complementada por análise de conteúdo de Bardin (2016) e pesquisa de campo com realização de entrevistas. Referente a pesquisa bibliográfica e documental, partimos da compreensão de que é uma abordagem essencial para fundamentar teoricamente a investigação, fornecendo uma base sólida de conhecimento existente sobre o tema do enfrentamento do racismo nas escolas. Autores como Freire (1970) e Giroux (1988) são aportes para a compreensão das teorias críticas da educação, enquanto obras de Bardin (2016) são cruciais para a compreensão da análise de conteúdo, um método que utilizaremos para explorar e interpretar os materiais coletados na pesquisa de campo. A natureza qualitativa desta pesquisa é fundamentada na compreensão aprofundada e contextualizada do histórico do racismo estrutural entrelaçado aos fenômenos educacionais, buscando não apenas descrever, mas também interpretar e compreender as complexidades e nuances envolvidas. Autores como Denzin e Lincoln (2005) destacam a importância da abordagem qualitativa para capturar a profundidade e a riqueza das experiências humanas, especialmente no contexto educacional. Já o viés crítico adotado, é inspirado em perspectivas que questionam as estruturas de poder e as relações de dominação presentes no campo da educação. Autores como Apple (2004) e McLaren (1994) oferecem aporte teórico sobre as formas pelas quais as práticas educacionais podem reproduzir ou desafiar as desigualdades sociais e políticas. Articulado ao exposto, a análise de conteúdo, conforme definida por Bardin (2016), foi utilizada como método para analisar e interpretar os dados coletados, desde os provenientes da pesquisa bibliográfica e documental até os das entrevistas realizadas. Esta abordagem sistemática nos permitiu uma compreensão aprofundada dos padrões e significados subjacentes aos materiais analisados.

Por fim, a pesquisa de campo complementa a análise teórica com dados empíricos, permitindo uma compreensão holística e contextualizada do fenômeno do racismo. A realização de entrevistas, conforme sugerido por autores como Bogdan e Biklen (2006), possibilitou a coleta de perspectivas e experiências dos atores envolvidos. Essa metodologia integrada, que combina abordagens teóricas e empíricas, foi essencial para alcançar os objetivos supracitados desta pesquisa, oferecendo uma compreensão abrangente e aprofundada da problemática em questão, racismo, no campo da educação.

DESENVOLVIMENTO/RESULTADOS

Inicialmente, foram selecionados alguns temas relacionados às trajetórias profissionais de professores negros, com o intuito de explorar as dificuldades e limitações enfrentadas ao longo de suas práticas docentes. As perguntas das entrevistas foram elaboradas com a colaboração da professora e orientadora responsável, Dra. Silmara T. Freitas. A seguir, foram convidados cinco professores negros para participar da pesquisa, aos quais foi enviada uma carta convite de aceite. Após a aceitação, foram agendados data e horário para a realização das entrevistas de forma presencial. Entre os entrevistados, havia tanto professores em exercício, quanto aposentados.

Para a primeira categoria analítica Vivências e Percepções, o racismo na sociedade brasileira, especialmente no ambiente escolar, foi amplamente discutido pelos entrevistados. Três deles ressaltaram que o racismo se manifesta como uma luta constante em suas vidas, expressando-se em gestos e olhares que denotam preconceito e discriminação com base na cor da pele. Para esses entrevistados, o racismo não é apenas um problema histórico, mas uma realidade estrutural e cotidiana, refletida nas interações sociais e no mercado de trabalho, limitando oportunidades e perpetuando desigualdades. Essa perspectiva está alinhada com autores como Almeida (2019), que aponta que o racismo estrutural é uma engrenagem contínua que molda relações sociais e econômicas no Brasil.

Outros dois entrevistados, no entanto, apresentaram uma visão diferente, sugerindo que a ênfase nas discussões sobre racismo pode reforçar a segregação ao invés de promover a igualdade. Para eles, a redução do foco no tema contribuiria para a construção de uma convivência mais harmoniosa. Essa perspectiva remete ao debate acadêmico sobre a "racialização do discurso", mencionado por Giddens (2018), que alerta para o risco de discursos repetitivos reforçarem categorias sociais ao invés de desconstruí-las.

Referente às experiências de racismo na prática docente, a maioria dos entrevistados relatou experiências diretas de discriminação racial, especialmente em suas atividades

docentes. Essas discriminações variaram desde comentários ofensivos até exclusões em processos decisórios e sociais no ambiente escolar, como a negativa de participação em tradições culturais, exemplificada pela recusa de compartilhar uma cuia de chimarrão. Tais vivências reforçam a tese de Carneiro (2005) sobre o racismo institucional, no qual práticas discriminatórias são naturalizadas nas rotinas organizacionais.

Em contraste, alguns entrevistados afirmaram não ter vivenciado episódios de racismo diretamente. Um deles enfatizou que sua integridade moral permitia superar comentários depreciativos, adotando uma postura de respeito mútuo, independentemente das diferenças raciais. Essa abordagem é associada, segundo Lopes e Bastos (2017), a uma estratégia de enfrentamento individual, onde o sujeito minimiza situações potencialmente racistas para preservar seu bem-estar emocional.

Outro destaque da empiria da presente investigação, diz respeito que para a maioria dos entrevistados, a vivência do racismo se converteu em motivação para promover uma educação mais inclusiva e antirracista. Eles destacaram a importância de incorporar discussões sobre racismo nos currículos escolares como forma de conscientizar as novas gerações e prevenir a normalização da discriminação. Essa abordagem dialoga com as diretrizes de Candau (2020), que enfatiza a relevância da educação intercultural para desconstruir preconceitos e fomentar o respeito à diversidade.

Por outro lado, uma minoria dos entrevistados adota uma postura mais descontraída diante de possíveis manifestações racistas. Em situações em que eram chamados por apelidos como “negão”, preferiam não se sentir ofendidos, tratando-as com leveza e humor. Essa estratégia, segundo estudos de Araújo (2019), pode ser uma forma de resignificação que visa desarmar conflitos e evitar o desgaste emocional diante de situações discriminatórias.

Na segunda categoria Enfrentamento e Resiliência, entre as questões foi abordado sobre como enfrentar o racismo no ambiente escolar, de forma semelhante de pensar, três entrevistados usam a mesma “arma”. A arma intelectual, mostrando dados, trazendo para a sala de aula realidades de que o racismo existe e que ele é algo que deve ser trabalhado com prioridade em quase todas as disciplinas. Tentando conscientizar os alunos sobre as contribuições históricas e culturais dos negros para a sociedade. Para eles, é essencial

valorizar as conquistas da população negra, destacando que muitos estão onde estão por méritos e superação, apesar das adversidades impostas pelo racismo estrutural. Esse reconhecimento tem como objetivo na maioria das vezes desmentir comentários negativos e estimular a autoestima dos alunos negros, além de promover o respeito e a admiração pela cultura negra entre todos os estudantes. Esses professores também enfatizam a importância de repassar informações de maneira precisa e embasada. Eles acreditam que, ao fornecer um conteúdo fundamentado, podem quebrar mitos e desinformações que perpetuam o racismo. O ensino, para eles, é uma forma de empoderar os alunos, ajudando-os a entender que todos têm um lugar importante na sociedade, e que as conquistas da população negra devem ser reconhecidas e celebradas.

Já a minoria dos entrevistados declarou que o racismo nunca foi um tema de destaque em suas experiências profissionais, e que, até o momento, não se depararam com situações ou episódios de racismo ou discriminação.

Também foi questionado como enfrentam situações em que percebem racismo, seja por parte de alunos, colegas ou da comunidade escolar, em que houve uma convergência de opiniões entre três entrevistados, que afirmam ser essencial estudar bastante e estar sempre preparado para responder a qualquer tipo de pergunta que lhe fizerem. Para eles, é de extrema importância que as pessoas vejam que estão prontos e saibam do que estão falando. No entanto, todos reconhecem que a pressão é grande, e, embora ninguém imponha se moldar às expectativas, as cobranças são diárias. Parece que, por serem de outra cor, há uma necessidade constante de se encaixarem e provarem seu valor a cada dia. Apesar disso, todos expressam orgulho em ser negros, enxergando essa experiência como parte de um processo educativo contínuo, que proporciona um crescimento pessoal e emocional, porque os desafios enfrentados servem de combustíveis diários.

Contrapondo a visão da maioria, alguns professores entrevistados ofereceram uma perspectiva distinta, defendendo que nunca sentiram a necessidade de se importar para defender sua cor. Para eles, essa questão nunca foi central ou relevante em suas trajetórias profissionais, afirmando que nunca passaram por situações em que sua cor fosse um fator determinante em como eram tratados ou vistos pelos outros. Esses enfatizam que sempre

foram reconhecidos por suas habilidades e competência, que a cor da pele não teve impacto significativo em suas interações ou oportunidades. Essa diferença de opinião revela que, para alguns, o racismo não foi uma barreira enfrentada em suas experiências.

Referente as principais dificuldades ao abordar a temática do racismo na escola, um ponto de vista comum entre três dos entrevistados é que a maior dificuldade no combate ao racismo está nas estruturas sociais enraizadas, nas heranças familiares e, sobretudo, na questão histórica que ainda persiste na mentalidade de muitas pessoas, que embora não sejam, se consideram superiores por se acharem europeus. Eles destacam que qualquer coisa considerada “diferente” acaba sendo tratada com preconceito, uma visão que é transmitida de geração em geração, perpetua desigualdades. Para esses entrevistados, um dos grandes desafios é fazer com que todos compreendam a importância histórica e cultural da população negra para a sociedade brasileira, quebrando esses ciclos de discriminação e promovendo o reconhecimento e valorização da contribuição deles.

Já outros dois entrevistados afirmam que nunca enfrentaram dificuldades ao abordar o tema do racismo na escola. Eles ressaltam que sempre estiveram atentos a possíveis situações de discriminação e ao comportamento das pessoas ao seu redor, mas nunca se deixaram abalar por preconceitos. Para eles, a cor da pele era apenas um detalhe irrelevante diante de suas habilidades e conhecimento. Eles estavam ali porque eram competentes e tinham plena confiança no conteúdo que transmitiam. Esses professores enfatizam que sempre conseguiram manter o foco em seu trabalho, demonstrando que o valor de uma pessoa não se mede pela cor, mas sim por sua capacidade e mérito profissional.

Na terceira categoria Reflexões sobre Representatividade, os entrevistados concordaram sobre o impacto positivo da presença de professores negros na escola para os estudantes negros. Eles destacaram que a representatividade gera confiança e identificação. Quando alunos negros veem professores que compartilham experiências raciais e culturais semelhantes, sentem-se mais valorizados e reconhecidos. Essa identificação rompe com estereótipos negativos e reforça a ideia de que pessoas negras podem ocupar espaços de liderança e alcançar a excelência acadêmica. Além disso, professores negros trazem perspectivas únicas para as discussões sobre racismo e diversidade, promovendo um ambiente

inclusivo. Isso contribui diretamente para o fortalecimento da autoestima dos estudantes negros, reafirmando a importância de suas origens e culturas no contexto escolar e social.

Na visão dos entrevistados, os professores brancos também podem desempenhar um papel fundamental na luta contra o racismo na escola. Três dos cinco entrevistados sugeriram que esses professores podem ser aliados ao adotar práticas pedagógicas antirracistas, como incluir conteúdos que valorizem a história e a cultura negra. Além disso, destacaram a importância de promover um ambiente seguro e acolhedor, onde todos os alunos se sintam respeitados. Para esses entrevistados, a escuta ativa e a amplificação das vozes de alunos e colegas negros são essenciais para que suas perspectivas sejam valorizadas. A aliança eficaz também envolve abrir espaço para discussões sobre racismo, desafiando preconceitos de forma assertiva e ativa, não apenas entre os estudantes, mas também entre os próprios educadores.

Contudo, uma minoria dos entrevistados manifestou uma opinião diferente. Eles argumentaram que o racismo não deveria ser tema de debate constante, pois acreditam que, se não fosse discutido, não haveria necessidade de buscar aliados. Para esses participantes, cada grupo tem sua própria ideologia, e destacar a população negra exigiria, na mesma medida, a exaltação da população branca. Eles defenderam que o racismo deveria ser minimizado nos discursos, com o intuito de reduzir sua relevância e impedir que continue a ser um tema central nas discussões educacionais e sociais.

O Professor X expressa a opinião de que a discussão sobre a temática racial na educação deveria incluir não apenas a perspectiva sobre o negro, mas também o que os brancos contribuíram para o Brasil. Ele sugere que ambos os temas devem ser abordados simultaneamente, em vez de focar exclusivamente no racismo de forma teórica em várias disciplinas. Para ele, essa abordagem mais equilibrada poderia enriquecer a compreensão dos alunos sobre a história e a sociedade brasileira.

Já na quarta categoria Educação Antirracista, os entrevistados destacaram a importância de abordar o racismo de forma contínua e integrada ao currículo escolar, respondendo que essa temática não deve se restringir a momentos pontuais, como o Dia da Consciência Negra. Eles defendem que, embora esse dia seja relevante, é fundamental

trabalhar questões de racismo e diversidade ao longo de todo o ano letivo. Essa abordagem constante permite valorizar as diferenças culturais, promover uma compreensão mais profunda sobre a história e as lutas de povos marginalizados e ajudar as crianças a entender que existem culturas e origens diversas, sempre contextualizando essas diferenças. Segundo os participantes, falar menos sobre racismo acaba por fortalecer o próprio preconceito, enquanto a discussão contínua amplia o respeito e a empatia.

Por outro lado, uma minoria dos entrevistados acredita que o tema não deveria ser tratado diretamente em sala de aula. Para esse grupo, cabe a cada pessoa buscar, por vontade própria, o conhecimento sobre racismo. Argumentam também que o pertencimento a um grupo racial ou étnico não deve ser um critério para se obter privilégios educacionais. Na visão deles, o importante é que todas as culturas e etnias sejam respeitadas, mas sem exageros, e desde que haja respeito mútuo, não haveria necessidade de discutir o racismo de forma tão enfática.

Quando perguntados sobre os métodos pedagógicos utilizados para promover a educação antirracista, os entrevistados reforçaram que o trabalho deve ser constante e focado em atitudes e comportamentos que promovam a igualdade. Para eles, a cor da pele, o tipo de cabelo ou outras características físicas não devem definir o valor de uma pessoa, sendo o caráter e as ações os elementos essenciais. Eles comentaram que, embora trabalhem essas questões durante todo o ano, o 20 de novembro será um momento para desenvolver atividades mais organizadas e dinâmicas que envolvam debates e práticas, ampliando a compreensão dos alunos sobre a diversidade e o respeito. O planejamento adequado é essencial para que esses valores se tornem parte do cotidiano escolar e contribuam para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos.

Sobre os materiais didáticos, os entrevistados relataram que enfrentam dificuldades devido à escassez de recursos que abordem racismo e diversidade cultural. Como resultado, muitos professores precisam buscar conteúdos por conta própria, utilizando livros adquiridos individualmente ou recorrendo à internet. No entanto, essa alternativa tem limitações, pois nem sempre as informações encontradas online são suficientes ou adequadas para tratar a complexidade do tema. A falta de materiais específicos afeta o planejamento e prejudica a

consistência na aplicação de atividades educativas voltadas para a conscientização sobre diversidade e inclusão.

Quanto aos desafios enfrentados na implementação de práticas antirracistas, os participantes destacaram a falta de formação específica para professores como um obstáculo relevante. A ausência de capacitação adequada sobre história afro-brasileira, combate ao racismo e valorização das identidades negras dificulta a inserção natural desses temas no dia a dia escolar e limita a capacidade de estimular reflexões críticas nos alunos. Além disso, muitos ressaltaram a necessidade de trabalhar essas questões durante todo o ano letivo, e não apenas em datas comemorativas.

Quando questionados sobre o que deveria ser feito para fortalecer a educação antirracista nas escolas, os entrevistados sugeriram que essa temática precisa ser uma política permanente e transversal em todas as disciplinas. Eles acreditam que não basta abordar o assunto em um único semestre; é necessário garantir que o racismo e a diversidade sejam discutidos ao longo de todo o processo educativo, desde o ensino fundamental até o superior. Embora o conceito de “raça” seja biologicamente ultrapassado, as construções sociais ainda perpetuam desigualdades e discriminação. Os participantes enfatizaram que é essencial persistir na mudança dessas ideias para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Por outro lado, uma minoria argumentou que, se o racismo fosse tratado com menos frequência, ele perderia sua relevância e impacto. Esses entrevistados acreditam que minimizar as discussões sobre o tema, em vez de enfatizá-las, seria a melhor forma de reduzir o preconceito e seus efeitos na sociedade.

Para a quinta categoria, O Professor Negro e suas expectativas para o futuro, foram abordadas questões relacionadas à evolução da consciência racial, as mudanças que os entrevistados gostariam de ver implementadas para avançar na luta contra o racismo, além de como cada um vislumbra o papel dos educadores negros na transformação do ambiente escolar em um espaço mais inclusivo e anti racista.

Diante das questões abordadas, predomina o entendimento de que a maior parte das novas gerações já está ciente do que vem acontecendo em relação às questões raciais e, principalmente, da importância de se prevalecer o respeito. A cor da pele é apenas isso, uma

característica física que não deve se sobressair sobre a dignidade ou valor de uma pessoa. Acredita-se que estamos caminhando, aos poucos, para a construção de uma consciência racial mais madura, na qual olhares e interações sejam normais, sem que a cor da pele gere desconforto ou estranhamento. Que não seja um problema minha cor ser diferente da sua, e que todos se sintam bem com essa diversidade. Esse otimismo é compartilhado por muitos, que enxergam as novas gerações como mais preocupadas em promover a igualdade e o respeito. Embora reconheçam que é um processo a longo prazo, há esperança de que, com o tempo, essas gerações ajudem a sermos uma sociedade mais justa e consciente, onde o racismo perca espaço. A educação, o diálogo e a convivência com a diversidade estão sendo vistos como pilares fundamentais nesse processo de mudança.

Por outro lado, a minoria dos entrevistados acredita que a evolução racial entre os alunos, seja na escola ou em casa, dificilmente acontecerá. Segundo eles, o racismo só deixará de ser uma questão relevante quando a sociedade decidir dar um “basta” a esse assunto. Para eles, a solução seria parar de discutir diariamente o racismo, pois, a partir do momento em que tratarmos as pessoas simplesmente como pessoas, sem focar na cor da pele, a paz será alcançada. Eles argumentam que manter o tema em destaque apenas perpetua as divisões raciais em vez de promover a igualdade.

A maior parte dos entrevistados concorda que as escolas deveriam desenvolver mais atividades que envolvessem as famílias. Ter mais formações específicas para educadores, além de materiais educativos disponíveis, seria um passo importante para reforçar esse esforço. Muitos acreditam que é fundamental trazer explicações desde cedo para os alunos, abordando temas como as origens do povo negro, a contribuição dos negros para a história mundial, e explicações sobre a diversidade de cores de pele, ou seja, porque o negro é negro. Esse tipo de abordagem permitiria uma compreensão mais profunda e respeitosa da história e cultura afrodescendente, promovendo o respeito e a valorização da diversidade racial desde a infância. Educadores negros são de extrema importância na transformação de um ambiente escolar mais inclusivo e antirracista porque trazem consigo vivências e perspectivas únicas que podem enriquecer debates sobre questões raciais. Sua presença nas escolas contribui também para a representatividade, oferecendo aos alunos, principalmente aos negros, pessoas

nos quais possam se identificar e se inspirar, além da maioria destes professores já terem sentido na pele o preconceito e até mesmo o desprezo, simplesmente por serem de cor diferente dos demais. Segundo Silva (2019), professores negros, ao compartilharem suas experiências de vida, não apenas desafiam a narrativa dominante, mas também proporcionam aos alunos negros modelos de identificação e inspiração, para a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva.

E por fim, quando questionados sobre quais são as principais contribuições para a construção de um ambiente escolar que valorize a diversidade racial, para a maior parte dos entrevistados compartilham a mesma visão, de que as novas gerações já são mais conscientes sobre o racismo, mas que cabe a cada professor se doar um pouquinho mais a cada dia para deixar seu legado de forma marcante. Eles ressaltam que é essencial mostrar aos alunos que o ambiente escolar deve ser um espaço prático, onde cada um tem a responsabilidade de fazer a diferença e ser a diferença. O professor deve conquistar o respeito pelo que transmite, sem medo de mostrar quem é real. O que se busca, não a curto prazo, mas a longo prazo, é uma tendência para que o racismo termine. Embora ainda exista um longo caminho a ser percorrido, é importante que todos façam a sua parte para alcançar essa mudança. O professor X, em específico, resalta que “[...] nosso tempo aqui na terra é muito curto, e por isso devemos nos empenhar em deixar legados positivos para as próximas gerações”. Em contrapartida, outros entrevistados dizem que o racismo sempre vai existir, como cita o professor D, “[...] nunca sofri preconceito, em empresas que eu era o único negro eu nunca sofri nada. Mostre o seu trabalho, se tiver alguma divergência de pensamento ou ideia, bata e prove que você está certo. Não adianta levar para o lado pessoal, batalhe pelo que você acha que é certo”.

Cabe a cada um absorver apenas o que lhe faz bem, depende de cada um apenas, querer estudar e ser diferente. Mas sempre vão existir brancos e negros, isso é fato, e sempre vai haver pessoas maldosas. Para concluir as entrevistas, foi discutido o tipo de mensagem que os entrevistados deixariam para outros professores negros que enfrentam desafios semelhantes no ambiente escolar. Todos compartilham a visão de que é essencial lutar pelos próprios sonhos, afirmando que, com determinação, é possível alcançar os objetivos.

Reconhecem que os educadores desempenham um papel transformador, sendo responsáveis por influenciar a formação de crianças, não apenas em termos acadêmicos, mas também no desenvolvimento emocional e social. Para eles, os professores muitas vezes se tornam amigos, confidentes e, em certas ocasiões, até psicólogos de seus alunos, oferecendo apoio e motivação. Recomenda-se que não se deixem abalar por situações de preconceito e que demonstrem sua capacidade de superação. A luta por sonhos deve ser um esforço coletivo, garantindo que todos tenham oportunidades justas para realizá-los. Essa perspectiva coletiva enriquece a experiência escolar e contribui para a formação de cidadãos comprometidos com a justiça social, reafirmando que, juntos, é possível transformar realidades e construir um futuro mais equitativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a presente investigação percebemos que traz luz questões fundamentais sobre a educação antirracista, tanto em sua abordagem teórica quanto prática, tanto o estudo teórico quanto a parte empírica das entrevistas realizadas com os educadores, revelaram uma visão um tanto quanto minimalista sobre a necessidade de uma formação contínua e transversal das temáticas raciais, enfatizando que o combate ao racismo não deve ser relegado a datas específicas, mas sim integrado ao cotidiano escolar. Os professores entrevistados não apenas destacaram o impacto transformador que têm na vida de seus alunos, mas também a importância de servir como modelos de resistência e esperança em um sistema educacional que ainda enfrenta desafios significativos.

Além disso, a recente sanção da Lei que institui um feriado em homenagem à Consciência Negra, após 20 anos de luta, representa um avanço no reconhecimento da dívida e das reparações devidas à população negra. Essa legislação não só valida as reivindicações históricas, mas também reforça a necessidade de refletir sobre as desigualdades ainda presentes em nossa sociedade.

É importante ressaltar que a partir do ano de 2024 a Lei passa a ser oficialmente válida, o que simboliza um momento significativo na luta por justiça social e reconhecimento das contribuições da população negra para a história do Brasil. Esse feriado não é apenas uma

data no calendário, ele oferece uma oportunidade para que a sociedade se engaje em discussões profundas sobre a história, cultura e as lutas da população negra. A implementação desse feriado é um passo vital para promover a conscientização sobre as desigualdades raciais e para incentivar a educação antirracista nas escolas, promovendo um ambiente de respeito e valorização da diversidade.

Entendemos que a importância desta pesquisa para os educadores, reside na oferta de apoio para uma análise crítica e para a prática de ensino. Ao valorizar as experiências e as vozes dos professores negros, podemos promover uma educação que não só informa, mas que também transforma, preparando os alunos para se tornarem cidadãos conscientes e ativos na luta por justiça social. Assim, a busca por uma educação inclusiva e antirracista deve ser um esforço coletivo, demandando a colaboração de todos os envolvidos no processo educacional, desde os educadores em sala de aula até os formuladores de políticas públicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sylvia. **Racismo estrutural e desigualdades sociais no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

ARAÚJO, Maria das Dores Campos. **Práticas pedagógicas antirracistas: desafios e possibilidades no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.

APPLE, Michael W. **Educating the “right” way: markets, standards, God, and inequality**. 2. ed. New York: Routledge, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394/96 para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

CANDEU, Vera. **Educação intercultural e antirracismo: fundamentos e práticas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2020.

06 à 10
de outubro

SEMANA
ACADÊMICA DE

PEDAGOGIA
Um olhar além da diversidade



CARNEIRO, Sueli. **Racismo e educação: diálogos necessários.** São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2005.

CONCEIÇÃO, João. **Racismo e impactos sociais: uma abordagem contemporânea.** Salvador: EDUFBA, 2020.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. The SAGE handbook of qualitative research. 3. ed. **Thousand Oaks:** Sage, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GIDGENS, Anthony. **Sociologia.** 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

GIRoux, Henry A. Theory and resistance in education: a pedagogy for the opposition. **South Hadley:** Bergin & Garvey, 1988.

LOPES, Ana; BASTOS, Carlos. **Estratégias de enfrentamento ao racismo: perspectivas individuais e coletivas.** São Paulo: Cortez, 2017.

MCLAREN, Peter. Critical pedagogy and predatory culture. **New York:** Routledge, 1994.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SILVA, Carla. **Professores negros e representatividade na educação: experiências e desafios.** São Paulo: Moderna, 2019.